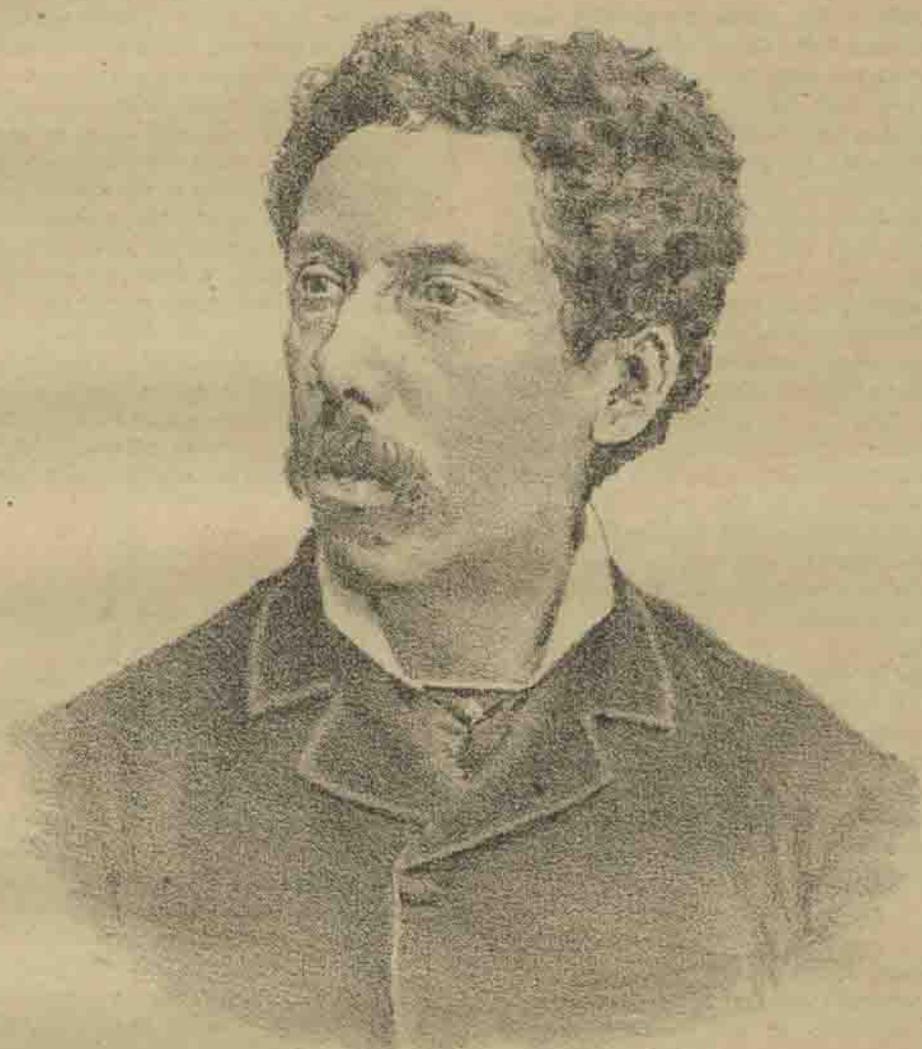


## DR. SOUZA MARTINS



O dr. Souza Martins é d'aquelles, que, pelo talento e pelo estudo, se collocaram fóra de discussões. O nome do illustre professor da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa é de ha muito tempo consagrado como o de um sabio, que reune ao trabalho aturado de muitos annos uma perspicacia rara. Seria, pois, loucura considerar-se o facto de publicarmos o seu retrato como tendo em mira tornal-o conhecido. Unicamente significa a nossa respeito saudação ao amigo dedicado, no momento em que vem fazendo uma serie de conferencias de que todos os demais periodicos se tem occupado amplamente.

Dentro do limitado espaço de que dispomos não podemos mostrar o valor das conferencias, nem tampouco pôr em relevo as mil qualidades que no dr. Souza Martins se reúnem, de molde a dar-lhe entre os nossos conferentes scientificos um logar proeminente.

Nem tal é mister, visto que n'esta forma de manifestação do seu saber e do seu talento tem creditos firmados em triumphos ininterruptos, que marcarão indelevelmente a sua passagem pela Sociedade das Sciencias medicas.

Porventura a praxe exigiria de nós a biographia do professor Souza Martins. Mas, bem ou mal procedemos, deixamos de parte esse habito que não tem mais razão de ser, desde a hora em que se iniciou a publicação de biographias de quem conquistou jus ao respeito e de quem alcançou fortuna.

O homem de sciencia tem outra historia, bem diversa: são os trabalhos que fez. Essa não pode ser feita por nós: melhor a representa toda essa pleiade de medicos distinctissimos, que, nos bancos da escola e na clinica, receberam d'elle as mais proveitosas lições.

Eles ahí estão, e bem eloquentes provas de consideração dispensaram ao mestre ainda na sua ultima conferencia.

*Imprensa Nacional*

## Feiras, toiros, e hortas



Hontem, como o frio aperta nas casas, e fazia nas ruas um sol consolador, fui-me ao acaso das pernas, dar uma volta por esses bairros afastados da cidade. A digressão nada teria de pitoresco—tanto mais que não era o meu dia de documento humano—se topando as portas, depois de cruzar as ruas novas d'um d'esses bairros ineditos, que centrifugam Lisboa, cada vez mais, á custa do antigo terreno das hortas, os meus olhos não constatassem um facto, que se me afigura digno de reparo. E vem a ser que o povo de Lisboa tem cada vez menos logares de distracção, e dentro de pouco só lhe restará a taberna lobrega, nos baixos dos predios velhos, em ruas de sombra, para aprazimento das suas horas ociosas.

Dir-me-hão talvez que o povo não necessita de divertir-se, e só necessita trabalhar, e que acabadas as hortas, prohibidas as feiras e arraines, derrocada a praça de toiros, inda lhe fica muito onde lazer umas horas de Domingo, que não nos braços do chinquillo, nas barracas de titeres e de pim-pam-pum, sob os parreirões dos retiros, ou na algazarra do sol dos circos teumachicos.

Inda lhe fica muito... e esse muito é o jardim zoologico, onde se pode seguir um curso de bicharia recreativa, a tostão por pessoa, são as tabernas sem sol nos beccos e ruellas lamacentas, são as missas das igrejas, as soalheiras das ruas e das praças, e finalmente á noite, os theatros, com logares a cinco tostões, e espectaculos que obrigam o pobre diabo a estar manietado a uma cadeira, onde elle só pôde—quando pôde—apoiar uma das nalgas.

Ora, eis ahí uma affirmacção contra que é necessario protestar sem mais delongas. O povo quer e necessita divertir-se, tanto ou mais do que as classes preponderantes, porque o seu trabalho é mais aspero, e os seus esgotos d'acção, mais contundentes. Quer e necessita distrahir-se, porque a distracção é uma das valvulas de segurança da vida, um tonico do systema animal, incomparavel, que repara a cancelleira, areja e dispõe para as labutas do dia immediato. E é necessario que o povo obtenha distracções sem grande esforço d'imaginação, nem sacrificios, e que para o custo d'ellas os governos lhe não exijam despesas com que o seu salario não pôde, e metamorphoses de habitos e gostos, que a tradicção lhe inveterou secularmente.

Convenho que se lhe sequestre o vicio, e se lhe vá canalizando a attenção, quanto possivel, para espectaculos d'onde o seu espirito recolha algumas parcelas de cultura e ensinamento. Mas sem violencia, e propositos de substituir, por coisas inuteis, antigos recreos de todo o ponto salubres e amovaveis.

A horta era um d'esses, n'um sitio alegre d'arrabalde, com as suas reminiscencias de vida bucolica, e o seu peixe feito, n'uma banca de pinho, por baixo das latadas: e a horta, senhores, vae começando a dar á casca! Comtudo, inda ha dez annos ella era o restaurant da classe media e obreira, em dias de repouso, e Julio Machado, o poeta dos costumes patucos do alfacinha, mais d'uma vez nol-a pintou com tintas loiras de rizota e panria nacionaes—no que eu vejo ainda agora, sobejissimas rasões p'ro applaudir. Que importa que de longe em longe, dois fadistas se furassem, nos intervallos do chinquillo, uma mulher fosse preza, e tres caixeiros zurzidos, á volta, por terem chamado coiro á dona do retiro?

Nem por estes episodios, do resto aconteciveis onde quer se junte uma matrulla, amiga vinho: nem por estes episodios se repetirem—que raro repetiam—á pandega das hortas deixa de subsistir como um dos regalos joviaes do povo de Lisboa, com o seu quê de romaria e farandole, as suas idas e voltas a pé, ao ar, entre guitarras e risadas, a sua coitada em mangas de camisa, ante uma paysagem d'arredor, meiga e ensolada, e finalmente o chinquillo, o famoso, o hygienico, ou primitivo, o nacional chinquillo, que o Senhor inventou para alargar o peito dos lisboetas que moram em casas estreitas, e respiram em putridos ambientes de saguões e d'officinas.



Depois da horta, vinha a feira, e a feira tambem afinal foi prohibida, sob pretextos de ser um lugar de deboxe e villanagem. Todos se lembram ainda d'ella, tão inoffensivamente chinfrim, no largo das Amoreiras, e no terrapleno fronteiro a Santa Maria de Belem. Duas ruas ou tres de tendas de lina, onde as quinquilharias alternavam co'as queijadeiras, estas co'a loja das Caldas e as lojas de passas, os botequins e as bancas de petiscos... detraz, os coios mais obscuros, carrosseis, alurjas d'iscas, melancias e gigos de laranjas; depois fachadas polychromas, de theatros de magica, gymnastica, mimica e dança, com as suas exhibições de barrigas de pernas de crina, e falsos topetes, os seus uivos de palhaços, os seus renques de musicos zanagas, e os pregões e velhos trucos de fazer rir e parar a multidão indifferente...

Porque acabou isto? Por ser uma exposicção de coisas pobres, e um chamariz á moeda em cobre dos que se não podem pagar com oiro, as distracções. Era indigna d'uma cidade civilisada, a feira de Belem. Porque rasão? Em que desmoralisava ella mais, do que esses palcos onde hoje se dialogam abjectas comedias e revistas, nos bairros mais populosos e centraes da capital? A face da architectura moral exterior que uma cidade ha que manter, na epocha presente, para fingir que acompanha a civilisacção, que tinham as nossas feiras de mais pulha, sobre as suas irmãs gêmeas de Paris, que não procuram os bairros reconditos, essas, senão invadem os boulevards e as praças luxuosas, dando ao povo, em certas quadras do anno, o primeiro lugar, na grande Babylonia?

Demos porem que a feira era obscena, corruptora, viveiro de crimes e enxurro de deboxes. Aboliram-na. Bem! Mas emquanto aos ricos se vae tornando, cada vez mais, a vida facil, o que é que os poderes publicos substituiram á feira, na lista dos espectaculos da plebe? Tem elles procurado refundir pela base, a hygiene, e desenvolver o prazer dos exercicios musculares; acompanham acaso o homem do povo, des'que elle, creança, se dependurou de teta da mãe, até entrar, descalço e roto, na officina; fomentaram elles no espirito popular, por uma catechese seguida e fecunda, ideaes novos, trazendo de si necessidades d'espirito e corpo, diversas das antigas?

Certo que não. Nunca em verdade o homem do povo menos fruiu a protecção do Estado, em qualquer ramo de vida, do que agora. O Estado é para o operario um agiota odiento, um inimigo que lhe suga o que pode, e vae procurando o mais possivel cingil-o n'uma goliha de penas e trabalhos. Tudo quanto a essas expansivas indoles de povo agrada, o Estado prohibe, como se fosse vergonha a alegria que se não formula em phase de salão, e como se os prazeres do ar livre, em mangas de camiza, aos gritos, n'um terceiro batido do sol, trouxessem reputação de mau porte a uma nação que tem por augure politico,—vejam isto!—o Marçal Pacheco.



E o protesto lançado contra a prohibição das feiras, e a destruição gradual das hortas, eu o estendo, com a mesma indignada justiça, ás toiradas, um dos poucos espectaculos a que o povo assiste alegre, e em cujos passes verdadeiramente bate uma alma de nação. Um par do reino, o sr. Carlos Testa, especie de puritano d'alma triste, um pouco vasia, cuido, posto supremamente abrazada em nevroses de protector dos animaes, lembrou-se ha dois annos de pedir fim ás corridas—por humanidade.

Par do reino destravado de horror, perante o par de ferros... Que maravilhoso thema para accordar a inspiração d'um dramaturgo philosopho, caso os chifres do alexandrino podessem *cumprir*, em pujança de mstradas, com os chifres do animal protegido pelo pae da patria! Entretanto aquella voz de par, foi pouco ouvida, e mercê d'uns restos de senso, as corridas proseguem, e todos em theorias propalam, como uma prova publica de vida mascula, e uma exhibição de destreza mais que salutar em povo cuja sensibilidade é cada vez mais exagerada e doentia. Sómente, como a praça do Campo de Sant'Anna está por terra, e a do Campo Pequeno inda não passou do consultorio d'engenharia, vae o povo de Lisboa aguardando que a camara dos deputados lhe supra estas lacunas d'espectaculo, e aguardando em balde, seja dito.

—Não que n'aquelle praça, toiros faltem. Mas por deficiencia dos capinhas, e cobardia dos moços de forcado.

IRKAN.

### O seu perfume

Das plantas tropicaes o activo perfume,  
Os odores da rosa e os aromas vernaes,  
O ar embalsamado das brisas em lume,  
Eis quanto no sabão lá do Congo encontraes.

Um chimico de Coimbra a Victor Vaisier, Paris

## FALTA A SOBREMEZA



Sobre os que, n'um patrio effluvio  
Vão p'ra as Africaes amadas,  
Ardentes como o Vesuviõ  
Nas erupções mais falladas,  
Tem desabado um diluvio  
De constantes jantaras!

Se elles todos—como eu creio—  
A comer são bons freguezes,  
Podem partir sem receio  
A afrontar duros revezes,  
Pois que levam papo cheio  
P'ra trez, quatro ou cinco mezes!

Quanta vez, andando em briga,  
Não terão sequer almoço,  
E sabe Deus se a fadiga,  
Os chega a pôr—pelle e osso...  
— Bom é pois que na barriga  
Levem comida por grosso!

E, d'esta arte, approvo e louvo  
Da minha humilde casua,  
Que o clero, a nobreza, o povo,  
Tudos pertendam na sua  
Pol-os cheios como um ovo.  
—E ovo grande, de perua!

Que lhes faça bom proveito  
Quanto bebem, quanto comem,  
Mas—co'o devido respeito—  
Aqui lembro, e conta tomem  
Que lá diz sbio conceito  
«Nem só de pão vive o homem...»

Entre os pretos, cõr de ciscos,  
A fome é negra, é verdade;  
Mas, além d'isso, ha beliscos  
Que nos lembram á vontade  
A falta d'outros petiscos  
De prima necessidade...

A's senhoras portuguezas  
De sensivel coração,  
Cumpre pois, sem avarezas,  
Offertar um jantarão  
Das mais finas *sobremezas*  
Aos moços da expedição...

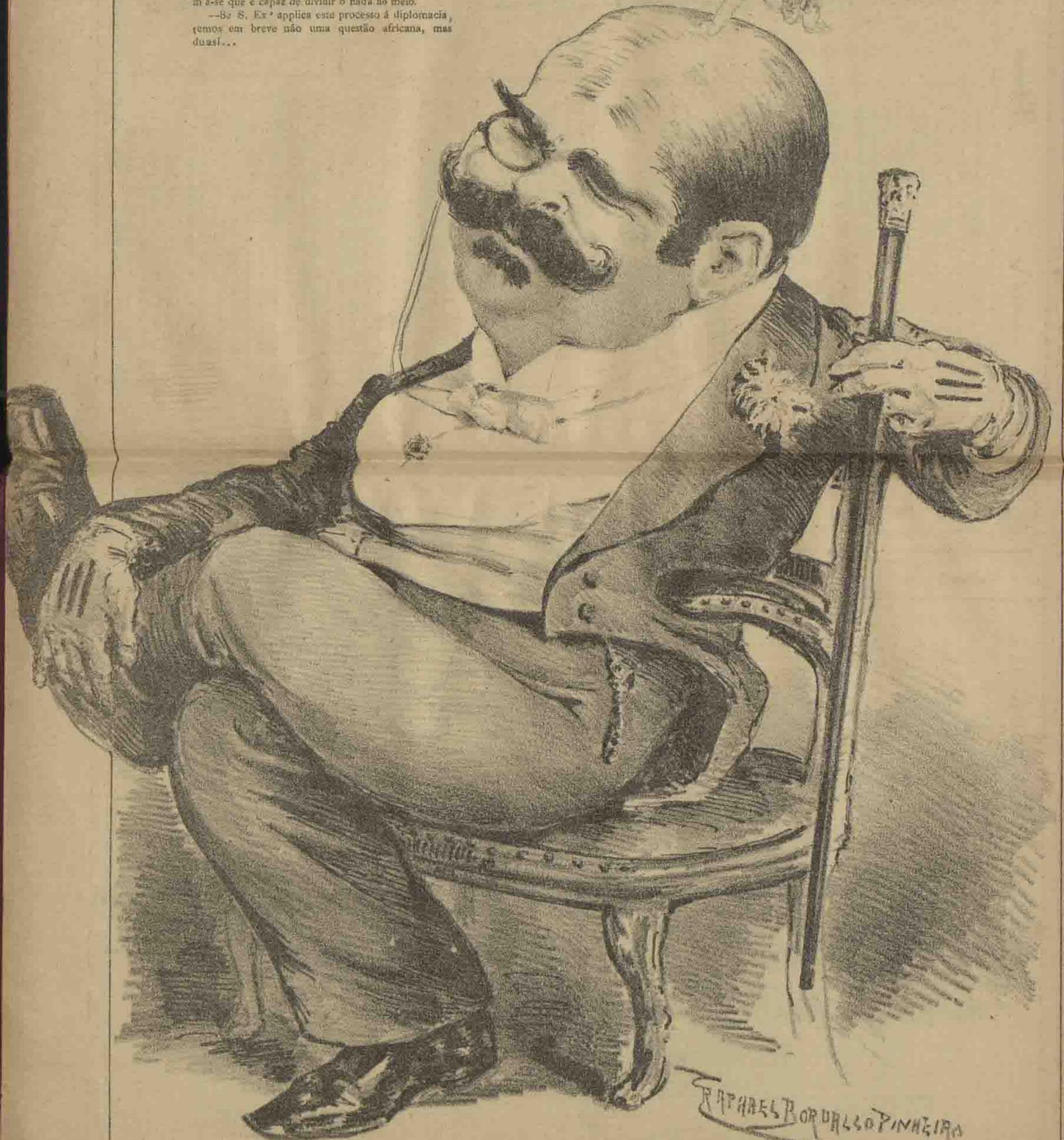
Porque em summa, quando um home  
Tem jantar sobre jantar,  
E come, come, e mais come,  
Não vae de fome espichar...  
—Mas pode morrer da fome  
De que morreu Abillard...

PAN-TARANTULA.

# DIPLOMACIA

## O VENCEDOR DOS VENCIDOS

Do novo ministro de Portugal em Londres affirmam a-se que é capaz de dividir o nada ao meio.  
—Sr. S. Ex.<sup>a</sup> applica este processo á diplomacia, temos em breve não uma questão africana, mas duas...



RICHARD BORDOLLO PINHEIRO

# A FABRICA DE VIDROS DA AMORA

## TORNOS



Ha pouco mais de um anno começaram os trabalhos para a completa instalação e montagem da fabrica de vidros da Amora. Passado um anno a fabrica prospêra a olhos vistos e em breve aquella industria terá uma verdadeira importancia entre nós. Do esforço de poucos surgiu aquella fabrica que hoje se acha quasi em condições de abastecer o mercado nacional evitando a importação de garrafas estrangeiras.

A boa vontade e resolute animo dos que dirigem esta fabrica poudo conseguir o que seria natural, em outros ramos de industria com um desenvolvimento maior e mais importante mercado, haver-se feito, ha muito. Um bairro operario, construido nas melhores condições hygienicas, uma escola para a educação dos filhos dos operarios, e um club, formam um modelo de boa organização industrial muito para ser imitado.

Os operarios da fabrica, allemães na sua maioria, vão fazendo escola, e muitos dos aprendizes conhecem já os processos da industria, e trabalham com relativa perfeição. Por esta prosperidade em que se encontra a fabrica de vidros da Amora merecem os maiores elogios os seus directores Justino Guedes, Gomes e Guilmane, que têm sido incansaveis. Seria bom que o governo olhando para o estado florescente d'esta fabrica, protegesse diversas outras industrias que, em concorrência com os productos estrangeiros, vão definhando até morrer. E não seria sem tempo...

# A FABRICA DE VIDROS DA AMORA



Aspecto das habitações dos operarios

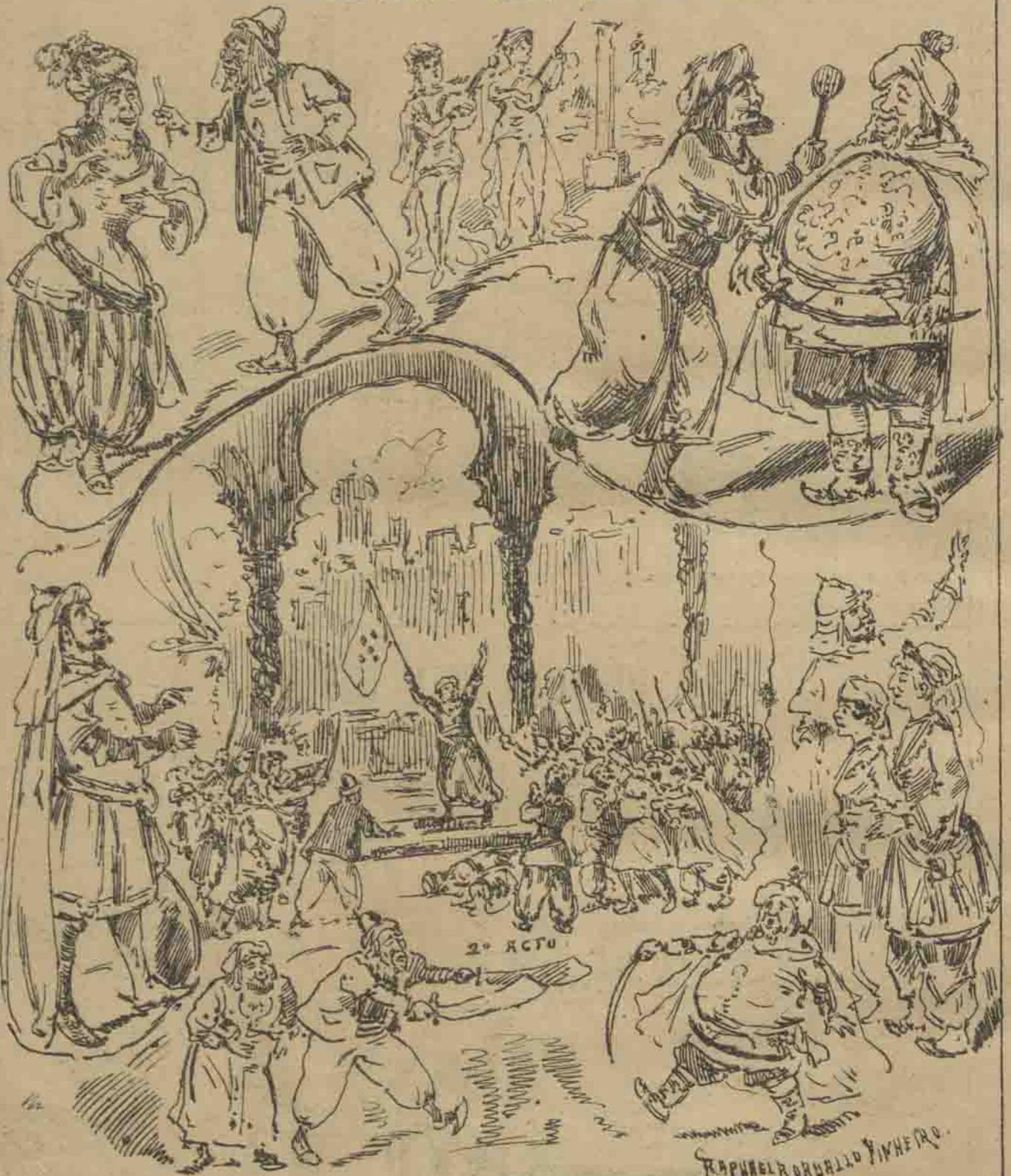
# A polvora sem fumo



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

João das Machinas no seu laboratorio fabricando a polvora...

## A MOIRA DE SILVES



Mais uma peça original... Isto vai tomando caminho, não ha que duvidar!

*A Moira de Silves*, na Trindade, teve bastante exito. E' uma peça bem traçada, lembrando as operetas do theatro em que subiu á scena, e com situações cheias de vida.

A musica é alegre, um pouco franceza talvez, mas decerto revela talento da parte do malogrado compositor; a letra, do sr. Lorjô Tavares, tem bastante merecimento, e o desempenho foi bom por parte de Queiroz Augusto, Silva e Amelia de Barros.

Felicitemos o sr. Lorjô, pela sua opereta, e esperamos que produza mais algum trabalho, cooperando d'est'arte para que as traducções sejam reduzidas a um logar secundario.